

Deponente: Antônio Inácio Corrêa

Entrevistador:

Data: 05 de junho de 2017

ENTREVISTADOR: Então nós estamos hoje é dia 05 de junho de 2017, não é isso? São duas horas e trinta minutos, 14:30. Nós estamos aqui nessa bela cidade de Januária, no norte de Minas Gerais, na casa do Senhor Antônio Inácio Correia. Então Senhor Antônio fala um pouquinho, identifica para a gente. O nome do senhor é Antônio Inácio Correia, quantos anos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Eu estou com 77 anos vou completar 78 em setembro.

ENTREVISTADOR: 78 em setembro.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É.

ENTREVISTADOR: E nós vamos então fazer uma conversa com o senhor aqui para a Comissão da Verdade e queríamos saber em primeiro lugar se o senhor autoriza que toda essa conversa, essa gravação, esse material ele possa ser disponibilizado para que outras pessoas tenham contato, no presente e no futuro. O senhor autoriza?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Com certeza.

ENTREVISTADOR: Não tem nenhum problema?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não.

ENTREVISTADOR: Então está certo. O senhor se identifica como qual profissão?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Eu sou lavrador não é?

ENTREVISTADOR: O senhor é lavrador.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É.

ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: (ininteligível).

ENTREVISTADOR: Então começa falando para a gente um pouco sobre atuação que o senhor teve ao longo da sua vida no movimento sindical? O quê que o senhor acha importante destacar?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, mas foi, na época não é? Que eu entrei no sindicato.

ENTREVISTADOR: Em que ano mais ou menos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Foi em 83.

ENTREVISTADOR: 1983.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, 1983.

ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Nessa época tinha muito problema da questão da terra não é?

ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Grilagem da terra, o trabalho escravo, a invasão das (ininteligível) não é? E o ambiente para quem quis fazer sindicato sem o apoio das autoridades. O sindicato era considerado como órgão não bem aceito não é? Pela sociedade na época. Então eles enfrentavam a tomada da terra pelos grileiros, as firmas e aí causou muita, causou muita, muito problema e foi muito difícil para a gente trabalhar.

ENTREVISTADOR: E onde que isso aconteceu? O senhor tinha mais ou menos quantos anos e onde que isso aconteceu? O senhor começou essa entrada nos sindicatos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Quando eu entrei no sindicato?

ENTREVISTADOR: É, o senhor tinha mais ou menos quantos anos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, eu entrei foi em 83.

ENTREVISTADOR: Sei. E foi em que cidade? Em que município?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Aqui em Januária.

ENTREVISTADOR: Aqui em Januária. Ahn?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Eu fui intimado pelo companheiro, presidente do sindicato a resolver uma pendência.

ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Comigo e outro companheiro. E nessa audiência, o presidente me conheceu e achou que eu estava certo. E estavam fazendo, fazendo intriga comigo. Mas eu expliquei. Aí o presidente do sindicato, companheiro Noé Viana quando toma uma informação sobre minha pessoa não é? Ele já estava na época da eleição do sindicato. Aí ele me convidou para participar da diretoria. Pela conversa que ele teve comigo, ele achou que eu servia não é? Porque os outros diretores do sindicato não frequentavam o sindicato, não dava cobertura e edital estava sozinho, enfrentando muita dificuldade. Houve uns problemas na região minha lá, no (ininteligível) de Minas, próximo e ele me encarregou para resolver. Eu juntei alguns companheiros e resolvemos problemas lá. O que não pudemos resolver, encaminhamos para a justiça não é? Mas a gente tentou fazer acordo porque o juiz de paz naquele época que resolvia. O juiz de paz era político. Não conseguia resolver.

Era tendencioso não é? O juiz de paz na época. E o nome do sindicato estava começando a despontar. Então foram mandando procurar o sindicato. E com a solução desse problema, um companheiro me chamou para fazer parte da diretoria. Que eu não tinha experiência, a princípio eu recusei. Ele falou que não, que tinha que ser eu mesmo porque ele gostou muito da minha posição não é? E aí ele falou que ia conseguir fazer uns cursos para mim adaptar mais no sindicato não é? Saber o que era sindicato. É, e aí eu já passei para dentro do sindicato, dentro da sede do sindicato e peguei bem mais problemas. Tinha muito. Todo dia, toda hora. Tinha muito problema da terra.

ENTREVISTADOR: O que por exemplo? Conflito?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Conflito de terra é. Conflito de terra não é? E já tinha, quando o sindicato começou despontar, já tinha muitos problemas assim e os tomadores já tinham perdido não é? Assinado documentos.

ENTREVISTADOR: Perdido para quem?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Hein?

ENTREVISTADOR: Perdeu a terra para quem?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Perdeu a terra para os grileiros.

ENTREVISTADOR: Os grileiros.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Para as empresas.

ENTREVISTADOR: Empresas? O senhor lembra algum nome de empresa?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Tem muito não é? Muitas.

ENTREVISTADOR: Muitas empresas.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Muitas empresas.

ENTREVISTADOR: E perdiam tudo?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, mas a maioria perdia porque não tinha assistência jurídica. E o companheiro sozinho e ele achou que comigo ia melhorar, como de fato a gente sem experiência, logo, logo a gente adaptou não é? Acabei com, mas foi (ininteligível) em Montes Claros, eu fui para Belo Horizonte, para Brasília. A gente foi, como diz, assuntando. Viu que tinha essa lida não é? E aí nós enfrentamos. Foi na época que mataram o companheiro Elói não é? Naquela época eu conseguia andar com o Elói. Ver o trabalho do Elói não é? A luta dele. Aí a gente foi tomando mais fé e mais coragem não é?

ENTREVISTADOR: O senhor se lembra de alguma situação, algum conflito que marcou a sua atuação no sindicato?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Conflitos?

ENTREVISTADOR: É, algum conflito?

ENTREVISTADOR: Algum que foi mais importante, mais violento? Que o senhor se recorda?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Houve vários, não sei por onde eu vou começar.

ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Mas eu diria que um conflito aqui do outro lado do rio, Fazenda Bonança. Aí já o despejo já estava pronto para fazer como depois de amanhã não é? Então lá dentro do fórum, tinha gente que era amigo da gente. Informou, olha, vai ter um despejo depois de amanhã. A Polícia vai para despejar todo mundo. Era mais de 50 famílias. E aí vocês tomam providência.

ENTREVISTADOR: Isso quando mais ou menos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Hein?

ENTREVISTADOR: Quando mais ou menos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Foi em 84 mais ou menos.

ENTREVISTADOR: 84.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, mais ou menos.

ENTREVISTADOR: E ia despejar a favor de quem?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Hein?

ENTREVISTADOR: A favor de quem?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A favor de uma empresa lá não é?

ENTREVISTADOR: É empresa. Qual tipo de empresa?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Empresa rural não é? Empresa rural. É. E aí a gente ligou para Belo Horizonte. Na época a gente ligou para Belo Horizonte e pediu o número do processo, situação que estava. Quando a Polícia chegou lá com o oficial de justiça para fazer o despejo, já veio um despacho de lá e impediu. Impediu, chegou junto.

ENTREVISTADOR: Quando você fala a gente enviou para Belo Horizonte, seria a FETAEMG?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: FETAEMG.

ENTREVISTADOR: Ou a própria justiça? FETAEMG não é?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É a FETAEMG, é.

ENTREVISTADOR: E como que ocorria essa ajuda da FETAEMG para os sindicatos? Essa ajuda jurídica?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A FETAEMG na época, naquela época ela lutou muito junto com os sindicatos, na organização dos sindicatos e também era um enfrentamento. Nós tínhamos um presidente lá, ele chamava ele de pelego. Mas era um pelego que vinha aqui ver o problema.

ENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: FETAEMG hoje não passa, não vem nem em Montes Claros. A diretoria. E foi entregue aqui em Montes Claros, aqui a FETAEMG de Montes Claros, eu sei falar isso, eu passei por isso. Uma máfia aqui em Montes Claros que acabou com o sindicato. Acabou com o sindicato. E em vez de caminhar, abandonou o trabalho e criou problema para os trabalhadores. Perseguiu diretores que estavam no caminho não é? E feriu o sindicato, um assunto de negócios.

ENTREVISTADOR: Uhum. E a gestão da FETAEMG aqui ajudava no caso?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ajudava.

ENTREVISTADOR: Seria a do André Montalvão?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: André Montalvão. Isso mesmo. Ele era chamado de pelego. Mas ele vinha aqui. Ele vinha, para chegar aqui em Januária, ele vinha de carro. Vinha aí. Hoje os últimos presidentes da FETAEMG vem de avião lá em Montes Claros, não pisa aqui. Entregou o sindicato para uma máfia que tinha aí em Montes Claros.

ENTREVISTADOR: Agora nisso do trabalho do senhor lá em 1983 por aí. O senhor soube por exemplo da participação de algum policial, algum juiz, algum delegado nessas violências contra os trabalhadores?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Houve vários. Eu não sei citar o nome.

ENTREVISTADOR: O senhor não lembra de nome?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, eu lembro de um delegado.

ENTREVISTADOR: Ahn?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Que ele quando precisou ir em Belo Horizonte.

ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ir na FETAEMG pegar um advogado e ir na Secretaria de Segurança Pública denunciar esse delegado.

ENTREVISTADOR: Hum?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Porque tinha um conflito aqui na Fazenda Boi e tinha lá 12 pistoleiros. E mancharam as festas do povo. Até a festa de escola. Botando fogo

nas casas de palha. Atirou até num companheiro nosso, pegou tiro no braço dele. Acontecia e na hora ele ia em Belo Horizonte.

ENTREVISTADOR: E esse delegado acobertava?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Acobertava. Porque no dia lá ele não mandava uma intimação para lá. Mas falava, nós não vamos levar intimação porque eles falaram que a primeira intimação chegasse lá, que ele matava uma pessoa. O delegado não importava. Aí nós fomos com essa violência que houve lá, botar fogo em casa, atirar em gente. Nós fomos em Belo Horizonte. Ali a gente conversou com o secretário de segurança e depois que ouviu a gente e que deu a representação, foi feita na FETAEMG. Aí ele pegou o telefone na hora e ligou para cá, para nós ouvirmos. Falou Edmilson, o quê que está acontecendo aí em Januária?

ENTREVISTADOR: O delegado chamava Edmilson?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: O secretário de segurança.

ENTREVISTADOR: Ah sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Falando pelo delegado. Falou, é, não sei o quê, não sei o quê? Como quem que disse, não tem carro. Não, pega na prefeitura, pega no raio que o parta. Ele falou nervoso. O secretário. Eu quero resolver esse problema logo. Está acontecendo. Tem gente já acidentado de tiro. Tem casa queimada e você não está vendo isso aí não Edmilson?

ENTREVISTADOR: Edmilson era o nome do delegado?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É o delegado.

ENTREVISTADOR: Entendi.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Quando eu chego aqui em Januária, tive que ir na delegacia resolver umas pendências e o delegado me chamou no canto. Você foi dar parte de mim não é? Eu falei, fui. Fui porque fui obrigado que o senhor não tomou providência. Ali eu já estava mais forte. Já tinha conversado com o secretário. Esse delegado saiu daqui, não demorou muito. Ele estava envolvido com negócio de, outros negócios não é?

ENTREVISTADOR: E policial militar?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Militar?

ENTREVISTADOR: O senhor lembra de algum?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Houve alguns aí, houve vários não é?

ENTREVISTADOR: Por exemplo. Um chamado Cabo Nelson?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Cabo Nelson.

ENTREVISTADOR: Lembra desse nome?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Eu lembro.

ENTREVISTADOR: E o quê que o senhor pode falar para a gente sobre ele?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: O Cabo Nelson ele era envolvido na perseguição dos trabalhadores, das empresas, os fazendeiros não é? Ele era tendencioso. Mas o que eu lembro mais é do Sargento Roni.

ENTREVISTADOR: Roni?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Roni. Sargento Roni tinha 10 empregos em Januária.

ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Quando o Doutor Afrânio saiu do sindicato, do movimento do sindicato aqui, o Doutor Afrânio foi para a Assessoria de Ação Social em Belo Horizonte, foi quando Tancredo Neves ganhou...

ENTREVISTADOR: O Afrânio Oliveira e Silva da FETAEMG?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, Doutor Afrânio ligou para nós. Vocês conhecem aí o Sargento Roni? Falei, conhecemos. Quem é ele? Eu falei, é um tremendo de um picareta. Porque ele persegue a gente. Eu fui um dia na delegacia mas o companheiro que foi intimado na delegacia não é? Quando nós tínhamos que estar duas horas da tarde e o companheiro tinha cortado um arame do Doutor Roni e para poder sair que o Doutor Roni cercou ele e ele não podia sair. Ele cortou o arame para sair. E intimaram ele ainda. Nós achamos que eles estavam tudo ainda. Aí eu fui com o companheiro. Chegando na delegacia era umas duas horas, não tinha ninguém lá. Só tinha funcionário lá. Aí entreguei a intimação e fiquei meia hora, meia hora não apareceu ninguém, que recusava a gente. eu falei, olha, nós vamos embora e nós fomos intimados para duas horas. A moça lá falou, não, espera aí. E chamaram, e eu pensei que era o delegado. Aí veio o Roni e eu já conhecia ele. O Roni. Saiu, falou, quem é José Vicente aí? É eu aqui, é eu. Não é? O senhor está precisando de ser preso e apanhar. Eu fiquei assuntando ali. Porque o senhor cortou o arame do Doutor (ininteligível), porque você fez isso, você fez aquilo, isso é crime e não sei o quê. Eu falei, faz o favor. O senhor convidou ele para fazer esclarecimentos. O senhor está intimidando o rapaz. O senhor está intimidando o rapaz. Ele falou assim, olha, você manda lá no sindicato, aqui quem manda é eu. Eu falei, pois é, mas o senhor cumpre é lei. A lei não manda intimada os outros não. Aí eu já estava com um pouco de coragem não é?

ENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Aí ele, eu falei, Senhor Vicente, vamos embora, vamos embora. Larguei ele lá conversando. E no outro dia, ele encontra com o companheiro Noé que era o presidente. Eu era secretário. Encontrou ele na rua e ele falou, o rapaz mas ontem eu tive uma discussão com o seu companheiro, eu não sabia que era do sindicato. Não é? Manoel falou assim, você sabia tanto que o senhor falou para ele que ele mandava no sindicato e você mandava lá. Ele falou, é, eu estou com você até aqui ó. Noé já estava, Noé já estava em 84, em 84 nós já estávamos falando lá não é? É um dos casos que eu tinha que contar. E tem vários outros. Fazenda (ininteligível), 40 jagunços armados. Atirando lá, matando os animais, cortando arame.

ENTREVISTADOR: E entre esses jagunços, o senhor sabe ou pelo menos falava à época se tinha algum policial envolvido ou não?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, não. Nesse caso da telha não.

ENTREVISTADOR: Não?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não. Tinha não. Mas eles eram omissos não é?

ENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Então tinha trabalhador. Tem caso também que estava na justiça, assunto trabalhista. O cara aqui da Marinha, eu não guardei nome do cara lá da Marinha que mandou chamar o presidente para retirar ação na justiça contra o fazendeiro não é? O cara trabalhou 30 anos na fazenda e ele mandou embora sem direito nenhum. E entrou na justiça que não houve acordo. O tenente da Marinha mandou chamar e foi junto com o prefeito, Senhor João Grimer que tinha aqui e tem aí para poder tirar a ação da justiça. Não, não tiro está lá, o juiz está lá. O juiz decida. Eles intrometiam em tudo.

ENTREVISTADOR: Esses, essas ações contra o Roni e esse sujeito da Marinha, o Nelson, existe algum documento por exemplo do sindicato cobrando providências sobre a ação que eles estavam fazendo? O senhor sabe, isso foi documentado de alguma forma?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Olha deu cópia de representação, ficou tudo no sindicato.

ENTREVISTADOR: Se tiver está no sindicato?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Se tiver está no sindicato. Eu acho difícil você encontrar lá.

ENTREVISTADOR: Mas na época foi feita?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Foi feito, é. e nós acompanhamos.

ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Houve outros problemas não sabe? Foi, as coisas foram melhorando. Mas a questão da delegacia, presídio, quando eu saí do sindicato, ele já estava no centro de defesa de direitos humanos. Eu passei a visitar o presídio toda sexta-feira. Lá eu encontrei, eu encontrei pessoas presas, não era para estar lá. Fiz relatório, fui no cartório. Levantei. Fui no juiz, no promotor. Tirou uns, foi para a Apac. Os outros voltaram porque não era para estar lá. Lá tinha gente queimado.

ENTREVISTADOR: Qual que era a prisão que o senhor ia?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Hein?

ENTREVISTADOR: Qual que é essa prisão?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Aqui de Januária.

ENTREVISTADOR: Ah, prisão daqui de Januária?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Januária.

ENTREVISTADOR: E aqui também tem uma Apac?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Tem.

ENTREVISTADOR: Alguns foram para a Apac?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Apac já é mais nova.

ENTREVISTADOR: Entendi.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Mas já, aí eu consegui através de denúncia não é? Cobrança de juiz, cobrei do juiz, corregedor. Cobrei do promotor de justiça para ver aquela situação. fui nos advogados, que tinha gente que tinha advogado, não ia lá, tinha outro advogado e não ia lá. Pobre lá na cadeia não é?

ENTREVISTADOR: Sim.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Aí nós que estávamos indo lá. Aí fui lá no advogado do presídio. Falei com ele, Doutor Fábio. Ele falou, não sou advogado de ninguém lá não, eu sou advogado é do presídio. Eu falei, não, mas o senhor não é advogado de fulano, beltrano, citei os nomes e tudo. Ele falou, não. Não sou advogado dele não. Aí eu fui no promotor e denunciei ele. Fui no juiz, fiz relatório, citei o nome, citei, relatei e passei. Denunciei ele lá não é? Mas lá tinha gente queimada, tinha. Tinha olha, um bico de gás, sabe? Aquele negócio de gás. Lá dentro do presídio.

ENTREVISTADOR: Mas isso já é mais recentemente agora?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Foi. Muita já foi agora. 10 anos pra cá.

ENTREVISTADOR: 10 anos pra cá. Agora voltando lá um pouco naquela década de 80 por aí. sobre por exemplo a Ruralminas. O quê que o senhor tem a nos dizer da Ruralminas?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A Ruralminas?

ENTREVISTADOR: É.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A Ruralminas justamente nesse caso, (ininteligível) casa de telhas.

ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: E outras e outras. A Ruralminas ela é terra devoluta não é? Tanto que é que a Ruralminas, os posseiros lá fizeram requerimento, pagou as taxas de medição, taxa de requerimento tudo. E a Ruralminas tomou conta disso. É. A Ruralminas ia lá no Xacriabá, dedurava terra para índio lá dentro do Xacriabás. Fazia isso tudo, fazendo isso tudo não é? E aí essa casa de telha aconteceu o seguinte, quando começou o conflito lá, a gente foi em Belo Horizonte com aqueles recibos de medição de terra, de tudo. A Ruralminas pediu 15 dias para vir aqui resolver o negócio. Até ontem não ouvi falar que eles vieram. Isso tem mais de 10 anos.

ENTREVISTADOR: Ou seja, o senhor está dizendo que a Ruralminas ela atuava contra os trabalhadores?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, contra.

ENTREVISTADOR: E beneficiava os grileiros, os fazendeiros, as empresas?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Isso.

ENTREVISTADOR: E inclusive em relação a Xacriabás, desapropriava terra para entregar a fazendeiros?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Na abertura dos fazendeiros foi e entrou lá dentro do Xacriabás.

ENTREVISTADOR: Com o título dado pela Ruralminas?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Pela Ruralminas, é, a Ruralminas, é.

ENTREVISTADOR: O senhor lembra de pessoas ligadas à Ruralminas naquela época?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, não, aquele pessoal ficava tudo em Belo Horizonte.

ENTREVISTADOR: Só vinha aqui?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, só vinha aqui.

ENTREVISTADOR: E como que era? Eles chegavam aqui e o grileiro por exemplo já ia no cartório e registrava a terra? Como é que isso funciona?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, porque aquela terra ela era terra devoluta.

ENTREVISTADOR: Sim.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Era terra que só o Estado podia legitimar.

ENTREVISTADOR: Isso.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: E legitimar tinha que ser em nome daqueles que estão lá na terra.

ENTREVISTADOR: Isso.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não é?

ENTREVISTADOR: Mas quando ele passava por exemplo para um grileiro? Como é que fazia isso?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: O grileiro interessava naquela terra.

ENTREVISTADOR: Entendi.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ia na Ruralminas.

ENTREVISTADOR: Ah.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, ia na Ruralminas, a Ruralminas pegava e começava a fazer.

ENTREVISTADOR: Demarcava?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Demarcava e aí começava o conflito.

ENTREVISTADOR: Entendi.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Do grileiro, mandava pistoleiro para lá para correr com os, perseguir e tal. E aquela terra já estava, como diz, em nome e quando não estava em nome dos requerida, ela tinha gente lá na terra, morando lá na terra já uai. E tinha que ser titular em nome daqueles que estavam lá uai.

ENTREVISTADOR: Inclusive Xacriabás?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Inclusive Xacriabás.

ENTREVISTADOR: E muitos agricultores familiares. Tinha os pedacinhos de terra?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, tinha.

ENTREVISTADOR: E de repente aparecia alguém com uma ordem judicial mandando as pessoas saírem? Ou nem tinha ordem judicial?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ainda não chegou a judicial porque judicial só pode fazer despejo, dar ordem quando a terra tem documento.

ENTREVISTADOR: Entendi.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A terra era do Estado.

ENTREVISTADOR: E como é que esses grileiros faziam para expulsar esse pessoal?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Olha, os outros (ininteligível) até a cada de telha, a casa de telha, essa terra era devoluta e o pretendente que o Grupo Epa de Belo Horizonte interessou na terra para fazer carvão. Eles tinham terra. Doutor José Luiz, terra na Fazenda Flexeira, Gibão. Muito distante, nem limitava com essa. Entendeu? Você sabe em Fazenda Geral, você sabe não é?

ENTREVISTADOR: Hum?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A Fazenda Geral tem várias propriedades lá dentro ficava na fazenda. Então eles tinham documentos dentro daquela fazenda e interessava, tomava o restante da terra. Aquele restante tinha muito proprietário lá dentro, posseiros. Entendeu? Ele interessava em tomar a terra.

ENTREVISTADOR: E aí por exemplo, no caso do Grupo Epa, eles conseguiram uma gleba grande através de titulação da Ruralminas?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, não.

ENTREVISTADOR: Não?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A Ruralminas estava requerida para os posseiros.

ENTREVISTADOR: Ah entendi.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Eles tinham em outra fazenda uma grande área de terra. Mas interessou nessa área aqui e ela era devoluta.

ENTREVISTADOR: E aí conseguiram?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não conseguiram não. Aí nós fomos, nos fomos lá e hoje estão os posseiros para não entregar a terra, entregassem não. Aí o pessoal colocou um vigia lá, os vigias lá e começaram a incomodar uns posseiros, é. Os posseiros pegaram esse vigia, foram lá em um caminhão, pegaram os apetrechos deles, fizeram despejar aqui na porta da delegacia. Eles já estavam com requerimento da terra não é? Da Ruralminas, eles, aí, chegou aí o delegado não aceitou colocar aquelas coisas na porta da delegacia, mandou despejar lá na casa do grileiro não é? O grileiro no caso era firma não é? Na casa do vigia, que estava a serviço do grileiro. Imediato, ele já conseguiu 40 jagunços armados e como não chegou a virada de gente, mas matou os animais. Matou os animais, cortou os arames.

ENTREVISTADOR: O senhor sabe que ano que foi isso?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: ahn?

ENTREVISTADOR: O ano que foi isso?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Foi mais ou menos, mais ou menos em 89, 90 por aí.

ENTREVISTADOR: Sei.

ENTREVISTADOR: Mas esse conflito da casa das telhas, era anterior não é? Da década de 80?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Hum?

ENTREVISTADOR: Era anterior não é?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não.

ENTREVISTADOR: Não é? Os conflitos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, até então não. Até então a casa de telhas, o pessoal que trabalhava lá tinha requerido mas a Ruralminas não fez nada não é?

ENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ficava lá, ficava lá. Aí é que quando o grileiro interessado na terra, começou o conflito.

ENTREVISTADOR: Mas só para esclarecer. Noutros casos a Ruralminas foi a favor dos grileiros. Nesse caso não foi porque os posseiros já tinha requerido.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Já tinham.

ENTREVISTADOR: Mas noutros casos a Ruralminas atuou a favor dos grileiros?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Dos grileiros. É.

ENTREVISTADOR: Ela atuou é, porque os posseiros já tinham requerido a terra, ou porque até 89 o Grupo Epa, um grileiro não requereu? Não fez requerimento da terra? Ou seja, até 89 que apareceu o interesse empresarial nessa terra e aí sim a Ruralminas tomou posição?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A Ruralminas (ininteligível) não é?

ENTREVISTADOR: Até então ela foi omissa com o requerimento dos posseiros não é?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Foi. Já tinha cobrado as taxas de emissão e (ininteligível) e não fizeram nada.

ENTREVISTADOR: As terras não foram medidas?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não foram medidas.

ENTREVISTADOR: O processo ficou parado?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Nada, nada.

ENTREVISTADOR: Aí quando apareceu o interesse empresarial ela deu?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É. Aí ela ficou fora porque não dava para entrar mais não é?

ENTREVISTADOR: Hum, entendi.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Nós é que fomos em Belo Horizonte, cobrar da Ruralminas não é? Solução.

ENTREVISTADOR: E o senhor se lembra de outra situação até 88, de outros conflitos? Nós sabemos que são vários, principalmente aqui em Januária.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É.

ENTREVISTADOR: Mas outras situações talvez de ameaça? Assassinato? O senhor poderia nos contar. A gente está aqui para ouvir mesmo.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Aham. É, tem um caso em Xacriabás não é? Que eu falei aqui, também foi da Ruralminas titulando terra dentro da reserva, para ver que absurdo não é? Dentro da reserva. Os grileiros começaram a entrar lá e a Ruralminas como ali é terra pública, mas não podia fazer titulação. Aquilo é Reserva Xacriabás.

ENTREVISTADOR: E como que o senhor acompanhou esse conflito? O senhor atuava em prol dos Xacriabás?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, porque o Xacriabás é o seguinte.

ENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Na época antes de nós criarmos o sindicato de Itacarambi, nós tínhamos muitos sócios lá dentro do Xacriabás, nós tínhamos um trabalho junto com a igreja, com a igreja e uns projetos lá, lá dentro da reserva não é? Projeto lá com a FUNAI e tal e tal e nós nos associamos para fazer um trabalho junto lá. Dentro da reserva.

ENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: No dia, no dia que já estava tudo descontrolado lá dentro.

ENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Você já viu Rosalino que foi massacrado? Ele era o sub-cacique não é? Então ele liderou um grupo do Xacriabás para não deixar os grileiros entrar lá. E agora o cacique, o Rodrigão que é o cacique, fez vista grossa. E os grileiros foram entrando, achou força no Rodrigão. O prefeito de Itacarambi tirou terra lá dentro também e aí começou a briga entre Xacriabás, é. Chegou a um ponto que houve mortes lá, e no dia do acontecido, eu sem saber de nada. Eu mais o Pedro Eugênio que era da igreja não é? Ia comigo lá?

ENTREVISTADOR: Igreja da Januária?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, lá no Xacriabás. Ele era aqui de Januária, é. Aí nós fomos para uma reunião que tinha lá numa comunidade de Sumaré. Nós já estávamos lá, a Ruralminas, Prefeitura da Itacarambi e mais os grileiros lá tudo na reunião com o povo que tinha saído de lá de dentro. A rivalidade entre eles. Eles conseguiram dividir o povo não é? Aí nós chegamos na reunião e colocamos nossa posição. Que era a favor da união dos Xacriabás e não deixar gente de fora entrar lá, contrariando eles tudo não é? Nós estávamos em um barril de pólvora e não sabia. Nós não sabia, mas não a ponto de matar gente. Naquela noite nós ia dormir na casa do Rosalino. Para no outro dia, nós ir lá para a Funai ver origem projetos da igreja não é? E chegando já era à tardinha, chegando a uma encruzilhada, o meu companheiro, o Pedro Eugênio falou, não, não vamos passar lá não. Vamos passar lá na casa de Rosalino não porque já estava tarde. Nós vamos direto para a Funai. Naquela noite, ele matou, se nós tivéssemos lá, nós tinha entrado também no filma. Matou o Rosalino, matou o vizinho. Matou mais um cara que estava lá dentro da casa dele e foi uma chacina. Nós ia dormir lá naquela noite.

ENTREVISTADOR: Quem foram os matadores?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É um grupo de pistoleiros. Era um grupo do Senhor Amaro. O Senhor Amaro conseguiu um grupo lá de Itacarambi. Pessoas já pistoleiros mesmo não é? Aí foi quando houve essa violência lá, é que veio a Polícia Federal e expulsou os grileiros de lá e Rosalino já tinha morrido mesmo, mas pelo menos botou ordem lá na casa não é? E aí os companheiros que estavam do lado de Rosalino, ficaram lá. E nós estávamos trabalhando lá dentro também. E corremos um risco danado não é?

ENTREVISTADOR: É. O senhor lembra assim de caso por exemplo de mortes de trabalhador rural e sabe por exemplo na época era falado quem era os mandantes. O senhor tem caso assim, o senhor sabe, acompanha assim bem de perto?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não porque quando a gente sabe, quando a gente sabia já tinha acontecido e faz tempo, a gente.

ENTREVISTADOR: Então nesse período, principalmente ali da década de 80, até lá para 88, 89?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É.

ENTREVISTADOR: Morte mesmo o senhor não lembra de casos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Houve duas mortes lá dentro do Xacriabás.

ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Houve morte lá, lá dentro. E houve outras mortes assim, distintamente assim. Mas a gente sabe que foi pessoas que pagou para fazer mas não sabe quem fez, nem quem pagou. Isso aconteceu muito.

ENTREVISTADOR: E expropriações nesse período?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Hein?

ENTREVISTADOR: Expropriações de terras?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Houve muitas. Tem a Fazenda Boi, a maior fazenda do Estado de Minas Gerais. E Januária era o maior município. E essa fazenda era a maior fazenda geral. Tinha 186 posseiros lá dentro não é?

ENTREVISTADOR: Famílias de posseiros ou número total?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Famílias.

ENTREVISTADOR: 186 famílias?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Famílias. Nós cadastramos. Eu com o grupo da Pastoral da Terra, fizemos um cadastro. Não é? Aí foi a época em Belo Horizonte houve um reunião de todos os conflitos, terra de conflitos. E nós chegamos lá, tinha gente demais. Lá no Incra, é no Incra. Eles foram nos atender à tarde. No auditório grande lá. E aí falou, Januária, tem alguém de Januária aí? Tem. Nós levamos 12 companheiros lá da área lá. Levamos 12 companheiros. Inclusive um vereador lá da região lá nós levamos. Lá da região lá, de São Francisco não é? O Elói Barum, era vereador naquela época, depois foi prefeito. Aí ele falou, tu é de Januária? Não tem terra para reforma agrária não. e não tem ninguém na terra também não. aí nós levantamos, protestamos. Aqui olha, 186 cadastros, cadastrados. E lá a área da terra lá, é a maior fazenda do Estado de Minas Gerais, como é que não tem terra lá? Como é que 186 pessoas mora lá na terra? Aí o cara, então esse assunto, como é que o senhor sabe disso não é? Ele falou assim, não é porque o Incra já mandou as pessoas lá olhar. Os caras, o pessoal do Incra tinha muitos malandros também. Nesse meio. Foram lá na Chapada Gaúcha, a gauchada mandou eles voltar e foi contar piada lá em Belo Horizonte. Aí a coisa virou não é? Mas mesmo depois disso, um cara lá de São Paulo, chamado Benedito Muritiba, pegou pistoleiro de São Paulo e juntou mais outros bandidos lá da região e formou um grupo de 12, atirando em gente, pondo fogo em casa, coisa e tal. A história do delegado que eu contei. Mas não contei tudo. E aí eu vou, diante dessa situação, a gente em Belo Horizonte como eu falei. Eu falei com o secretário tudo mais, eles continuou lá, bagunçando lá não é? Delegado apoiando. Aí eu fui na Roseli, não é? Da Vilmar. Mas teve outra pessoa que eu não me lembro. Ia

nós três, pelo menos eu sei. Chegamos na Fazenda Boi na casa do Senhor Nelson, na casa do Senhor Nelson. O portador chegou, tinha umas 80 pessoas já para a reunião não é? Para a reunião. O portador chegou. Falou, olha, você sai quanto, porque os pistoleiros vem ali. Aí o pessoal olha, a maioria correu porque já estava com medo não é? Da violência. E nós não podia deixar o dono da casa sozinho e outras pessoas que ficaram junto com nós também. Não, então se vocês não correrem, nós também não corremos não. é, os pistoleiros lá. Aí escutamos as (ininteligível) do carro ali, parou perto assim e quietou. Era duas horas, nós ficamos até 05 horas. Nós tivemos que vir embora, é longe. Eles não chegaram lá não. Acho que eles acharam que nós íamos resistir, porque nós não corremos. Nós íamos dialogar com eles. Nós não tínhamos armas, nada. Íamos dialogar com eles, tentar dialogar com eles. Mas eles não chegaram lá não.

ENTREVISTADOR: Mas nesse caso, o quê que aconteceu então? Tinha 180 pessoas, não eram famílias. 180 pessoas lá na fazenda.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: De famílias.

ENTREVISTADOR: De famílias.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É.

ENTREVISTADOR: E esse pessoal acabou sendo todo expulso?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, dessa vez não.

ENTREVISTADOR: Eles não foram? Quando conseguiram ser assentados?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É. Aí quando eles fizeram essa, aí eles invadiram uma unidade lá, atirou em gente, pôs fogo em casa e nós fomos no delegado, o delegado não deu conta. Fomos em Belo Horizonte. Aí quando aconteceu isso a gente também fez uma denúncia local, estadual e federal. Aí a Polícia foi lá. O secretário mandou policial lá e correu com eles.

ENTREVISTADOR: Com os pistoleiros?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Com os pistoleiros. E disso tudo, sobrou para mim um processo. porque eu escrevia no jornal, um jornal aqui, nós tinha um jornal aqui muito bom. Chamava Folha de Januária. E eu denunciava isso tudo no jornal. Para o povo tomar conhecimento não é? Do quê que estava acontecendo. Aí eu recebi oficial de justiça dizendo que eu tinha que comparecer no dia 23 de outubro de 92, ou 93, por aí. Para responder sobre calúnia e difamação. É, calúnia e difamação. Aí eu procurei um advogado, o advogado da FETAEMG, não estava aí, não podia ir nesse dia comigo. Eu procurei advogado que era amigo meu, ele era uma pessoa, muito ligado assim

com a gente. Ele falou, eu não vou, nem você leva outro. Não. Vai sozinho. Vai, e conta a história igual você sabe conversar. Você responde as perguntas do juiz então. Então eu vou uai. Aí quando eu subi a escada do andar superior lá, que era a audiência lá. Que eu cheguei lá, estava lá o advogado que andava me perseguindo, apoiava os grileiros, os pistoleiros aqui de Januária. Doutor William. Eu já havia denunciado ele na OAB, ele morria de raiva de mim, é. Estava ele lá e (ininteligível), o chefe dos pistoleiros lá, que eu tinha denunciado. Aí o juiz me perguntou, o senhor é Antônio Inácio Correia? Eu disse, sou eu. O senhor, cadê seu advogado? Eu falei, não tenho. Então tá. Quando eu subi a escada eu falei, está escrito. Não preocupa o que vai falar, minhas são as palavras. Meu advogado é Jesus Cristo. Me deu uma força que você nem imagina. Me perguntou, o senhor eh autor da matéria tal, assim, assim, assim? Sou. Aí o juiz parece que ficou com dó de mim, falou assim. Senhor Antônio, sem advogado, sem nada, eles ficaram me arrojando lá. O senhor quer retificar o que o senhor falou ali no jornal? Eu falei, não senhor, tem mais coisa para colocar. Tem mais coisa para colocar. Aí o juiz espantou. Falou, o senhor não quer retificar, não tem advogado nem nada? Que homem teimoso é esse não é? Falou assim, e aí doutor? Pergunta ele em nome de quem ele está falando. Fazendo isso tudo. Perguntou. Eu falei, em nome do sindicato. Se eu fosse falar que ela em nome meu, eu estava criando um caso particular não é? E não do sindicato. O senhor era do sindicato? Sou. Eu já era presidente. Eu sou presidente do sindicato. E que destino, que prova o senhor tem disso aqui? As provas que eu vou lá, que o povo vai lá no sindicato pedir providência e eu vou lá ver e vejo o povo denunciando. Aí o juiz falou, e aí doutor? Nada. Falou nada. Diante não é? O senhor tem provas Senhor Antônio? Tenho. Tenho provas. Mas nem me pediu as provas, só me olhou falar assim, nem pediu prova. Aí ele falou, o senhor assina o depoimento aqui? Assino. Mandaram bater lá, bateram lá e eu li, estava certinho, assinei. Ele mandou o advogado assinar. Mandou o pistoleiro assinar e ele assinou embaixo e me deu a mão. Quando eu vou descendo a escada lá do fórum, um escrivão que era meu amigo, falou, você ainda está vivo? Eu falei, bem vivo. Eu achei que você ia sair daqui algemado. E você ainda foi sem advogado? Fui, eu deferi meu advogado, que anda comigo não é? E aí até ontem não mexeram mais nisso, não falaram mais nisso.

ENTREVISTADOR: E sobre a atuação na Folha de Januária, o senhor lembra de alguma outra ameaça na década de 80?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: O quê?

ENTREVISTADOR: Alguma ameaça? Perseguição ao sindicato? Ao tal que você escreveu na Folha?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ah, houve muita perseguição na Folha. Sim. Mas os companheiros lá da folha, era tudo gente boa. Era um grupo de gente boa que segurava as pontas. Eu também nesse dia do juiz, em que eu fui no juiz, ele achou que eu ia dizer, não, era que o cara aumentou. Eu falei, não doutor, tem mais coisa para por aí, é. Tem mais coisa para pro aí, é. Também nós segurava a barra um do outro não é? É.

ENTREVISTADOR: E sobre a atuação do Incra? O quê que o senhor se lembra da atuação do Incra nesses conflitos de terra?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Eu lembro.

ENTREVISTADOR: De algum agente do Incra ou a atuação do Incra em alguma fazenda? O senhor se lembra de algo que marcou a sua atuação no sindicato?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ih, tem várias, muitas.

ENTREVISTADOR: Qual a sua percepção sobre o Incra?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ahn?

ENTREVISTADOR: Como que o Incra percebia?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ah, o Incra. Ah o Incra me deu (ininteligível). Eu te contei a história da Fazenda Boi? Que eles vieram na Chapada Gaúcha, voltaram de lá e foram falar lá que não tinha terra e nem gente. E ainda fomos lá e provamos o contrário. Essa foi uma não é? Aqui na Fazenda, é, Fazendo do outro lado do rio. Esqueci o nome da fazenda moço, (ininteligível), é, aí era 9.000 hectares de terra, de terra boa.

ENTREVISTADOR: O que aconteceu lá?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Lá aconteceu o seguinte, que os posseiros lá estavam lá resistindo lá, mas houve o fazendeiro pediu uma investigação da terra não é? Para ver se a terra era produtiva ou não. e não era produtiva. Mas o quê que aconteceu? Ele reuniu os fazendeiros da região, jogou o gadão tudo lá dentro. Quando o pessoal do Incra veio novamente, estava a fazenda toda cheia de gado. Aí provou que a terra é produtiva sem nenhum cultivo. Provou. Aí foi que os posseiros foram saindo, saindo. Aí ficou por isso mesmo.

ENTREVISTADOR: E fazendeiros aqui na região?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Hein?

ENTREVISTADOR: Fazendeiros. O senhor lembra de algum que era, assim, tinha o apoio da Polícia? Fazia o que queria? Mandava matar?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Eles tudo, eles tudo. Eles tinham poder da Polícia, ainda mais no tempo da ditadura.

ENTREVISTADOR: Como é que era esse apoio, eles, mandava o policial fazer uma coisa e os policiais faziam?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Que antes o sindicato estava engatinhando ainda, eles (ininteligível) ameaçavam o cara, o cara abandonava.

ENTREVISTADOR: O fazendeiro?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, o fazendeiro vinha na delegacia, o delegado mandava chamar os caras lá e mandava sair, eles saíam.

ENTREVISTADOR: Ou seja, o policial obedecia era o fazendeiro?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Era o fazendeiro. A culpa aí. Haviam alguns policiais tendenciosos. Tendenciosos.

ENTREVISTADOR: O senhor acha que no período da ditadura a situação ficou pior?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Hein?

ENTREVISTADOR: No período da ditadura a situação ficou pior para os trabalhadores?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Muito, muito.

ENTREVISTADOR: E por que?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É porque a ditadura chegou, o golpe militar foi num sentido de botar ordem no país não é? Mas o que ele fez foi o seguinte, apoiou os corruptos. Os donos das grandes fazendas. Apoiou, passaram tudo para lá e eles foram perseguir foi sindicato, foi trabalhador não é? Perseguir foi (ininteligível). Então hoje eu estou aqui no youtube, então vem pedindo intervenção. Eu dou minha opinião. Vocês não viveram a época do golpe militar. É, intervenção não vai acabar com corrupção. Vai apoiar os corruptos e eles vão ficar amparados e nós é que vamos cair no pau igual 64. E eu coloco, eu coloquei vários pontos de vista aqui.

ENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Debatendo no youtube e também em qualquer lugar que a gente vai encontrar qualquer pessoa que está pedindo.

ENTREVISTADOR: Antes de 83 que o senhor trabalhava, começou a militar no sindicato, o senhor era um pequeno proprietário rural?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Pequeno proprietário.

ENTREVISTADOR: E nessa fase anterior, o senhor não se envolvia com nada?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não porque eu vivia sabe? Eu vivia aqui de ir em Bonito de Minas para Formoso. Eu morei lá perto de Formoso.

ENTREVISTADOR: Sei.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: E era tropeiro.

ENTREVISTADOR: Entendi.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A gente não tinha estrada, não tinha carro, não tinha nada. Você não via, você ouvia o rádio, mas o rádio não falava nada. Televisão não tinha não é? Sindicato não tinha, você não sabia de nada. Você não lia jornal.

ENTREVISTADOR: Porque o senhor já pegou o período final da ditadura não é? No sindicato?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Dentro do sindicato foi.

ENTREVISTADOR: E mesmo assim, o senhor acha que foi um período de muita violência com os trabalhadores?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Foi muito violento.

ENTREVISTADOR: O senhor sabe por exemplo de alguma ordem que veio de Brasília ou do Governo do Estado para perseguir trabalhador, para fechar sindicato?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, não porque eu não cheguei a acontecer não é? O sindicato aqui era ainda muito fraco, era só perseguidos. Os trabalhos perseguidos, o sindicato perseguidos, o dirigente sindical perseguido. Não é? Quando havia um congresso, um seminário, uma coisa que saía, a Polícia chegava lá.

ENTREVISTADOR: E fazia o quê?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Chegava perguntando, vocês vão nesse seminário? Nesse congresso? Vamos. Quantas pessoas? Quem é que vai? Vocês vão tratar lá de quê? Era encomendado da cúpula, isso ia lá encomendado. Da cúpula.

ENTREVISTADOR: Esse encontro que o senhor falou que teve lá em Belo Horizonte, por causa daquela fazenda que tinha tanta gente, foi em que ano? O senhor lembra mais ou menos? Aquele do Incra?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Do Incra? Foi mais ou menos em 60, 84, 85.

ENTREVISTADOR: E nesse encontro a FETAEMG estava presente, tem documentação sobre esse encontro? O quê que foi discutido nele, porque nós não temos registro desse encontro.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Pois é.

ENTREVISTADOR: Ele aconteceu na sede do Incra?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Na sede do Incra.

ENTREVISTADOR: E tinha trabalhadores rurais de Minas Gerais inteira?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É.

ENTREVISTADOR: E estava discutindo problema das posses, da titulação?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Das posses, é.

ENTREVISTADOR: O senhor lembra qual prédio que foi lá em Belo Horizonte?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Parece que foi na Afonso Pena não é?

ENTREVISTADOR: Na Afonso Pena.

ENTREVISTADOR: No próprio Incra não é?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Hein?

ENTREVISTADOR: No Incra mesmo?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: No Incra mesmo.

ENTREVISTADOR: E no ano de 84?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, 85, 85.

ENTREVISTADOR: Ou 85.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Nessa faixa.

ENTREVISTADOR: E foi o encontro do dia inteiro com gente de Minas?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Foi, muita gente, muita gente. Quando chegou Januária estava de tarde. De tarde que chamou Januária.

ENTREVISTADOR: Antes ou depois da morte do Elói?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Foi depois.

ENTREVISTADOR: Depois não é?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Foi depois da morte do Elói. Elói era um companheiro que fez muita falta viu? Era um homem de personalidade, abraçava a luta.

ENTREVISTADOR: E ele ajudou na organização dos sindicatos da região toda aqui?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Hum?

ENTREVISTADOR: Ele ajudou na organização dos sindicatos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, onde tinha conflito.

ENTREVISTADOR: Ele estava?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não você fala, Elói?

ENTREVISTADOR: Elói.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É onde tinha conflito ele estava. Às vezes ele tinha os problemas aqui no Rio Pardo, do lado de Januária, ele tomava a frente. Mandava avisar a gente, olha, vamos encontrar lá tal dia para ver os problemas. Que ele ficava

mais perto de São Francisco e o povo ia lá em São Francisco para pedir providências. Ele mandava avisar nós que ele ia também.

ENTREVISTADOR: E sobre o Sanluzinho, o senhor sabe de alguma história?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, o Sanluzinho já foi, eu entrei depois de Sanluzinho.

ENTREVISTADOR: Isso.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É.

ENTREVISTADOR: O senhor só sabe de história?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: De história.

ENTREVISTADOR: Conviveu com alguém que conviveu com ele?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, não.

ENTREVISTADOR: Entendi.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Quem sabe essa história muito bem, é o Professor Eduardo Ribeiro.

ENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Da UFMG.

ENTREVISTADOR: O senhor mencionou bem no começo da conversa nossa, uma intervenção militar no sindicato. Intervenções no sindicato. Como que isso acontecia? O senhor se lembra? De alguma intervenção na organização do sindicato, direção, eleições?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É assim como eu te falei, que até ação trabalhista, um cara da Marinha, impunha, tirar, retirar. O quê que Marinha tinha a ver com ação trabalhista?

ENTREVISTADOR: Marinha porque aqui todos os locais que tinham portos, tinham representante da capitania dos portos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, isso mesmo.

ENTREVISTADOR: Então quem atuava aqui mais os militares era o pessoal das capitâncias dos portos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Dos portos, é.

ENTREVISTADOR: E eles iam?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ahn?

ENTREVISTADOR: Eles iam nos sindicatos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: E intimava a gente a comparecer na reunião deles.

ENTREVISTADOR: E nessas reuniões tratava de que?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Tratava de retirada de queixa, de muitas vezes até de, intervenção não é? Por exemplo, (ininteligível) lá, ameaçava dizendo que para a gente não agir dentro daquela fazenda. Não criar problema lá, os trabalhadores estavam sossegados lá e tal não é? Eu me lembro de uma história que o, a história do Doutor, aquele que era presidente da Região Militar de Minas Gerais, a chama ele, ele é daqui dessa região aqui. Ele tem uma fazenda, ele tem uma fazenda muito grande aqui. Para os lados, não mora ninguém. Ele é dono disso tudo. E ele arrendou essa fazenda aí para outro, a firma de Belo Horizonte e botou muito gado. E o gado deu para comer a roça dos trabalhadores ali não é? Ali no rio. O povo plantava nas índias não é? É, e aí eu fui a Belo Horizonte conversar com ele. O nome dele é, como é que eu me esqueci rapaz?

ENTREVISTADOR: Coronel?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Coronel Laurentino (ininteligível).

ENTREVISTADOR: É?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Coronel Laurentino (ininteligível). É. Eu fui no gabinete dele lá em Belo Horizonte. Ele era, ele ainda era presidente da Região Militar.

ENTREVISTADOR: Comandante da Região Militar?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, Militar, da Justiça Militar.

ENTREVISTADOR: Ah tá.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Um negócio assim. Aí eu fui lá no gabinete dele, um era advogado da FETAEMG. É, chegando lá eu falei para ele que o gado da fazenda dele estava comendo a roça dos trabalhadores. Ele falou, não, eu não tenho gado nada. Não, o gado está na sua fazenda. Não, aquilo lá eu arrendei lá, eu não tenho nada com isso lá. Eu digo, mas como é que o senhor arrenda lá? E quem vai pagar esse prejuízo? Ele falou, olha, sabe de uma? Eu vou resolver esse negócio. Mas tem uma coisa, os senhores não metem o bico lá na Fazenda Picos não. A Fazenda Picos estava a mais de 100 quilômetros, não tem nada a ver com a fazenda dele. Não sei o que ele estava sendo incomodado lá. Você vê que ele estava afinado com os.

ENTREVISTADOR: E estava acontecendo alguma coisa na Fazenda Picos nessa época?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Era conflito, Fazenda Picos também foi um conflito.

ENTREVISTADOR: Entendi. E estava tendo conflito nessa época?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Estava.

ENTREVISTADOR: E a Fazenda Picos era de quem?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A Fazenda Picos?

ENTREVISTADOR: É.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Olha moço, a Fazenda Picos era umas terras de ausente. E morava lá 68 famílias não é? Aí a firma de reflorestamento e carvoeiros, esse povo, estava interessado em tomar lá não é? Aí venderam as terras lá, para um tal de Francisco Ubirajara Pimenta. É, venderam essa fazenda lá e esse grupo aí, já estava incomodando o Coronel.

ENTREVISTADOR: Laurentino?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Laurentino é, estava incomodando.

ENTREVISTADOR: Pronto. Mas o senhor estava falando lá da?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Da Fazenda Picos.

ENTREVISTADOR: Isso.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, a Fazenda Picos era uma das que estava já em conflito e que esse coronel que é chefe lá da área militar, estava envolvido também. Ora ele estava trazendo para a gente resolver problema da fazenda dele não é? E ele já estava me pedindo para mim não intrometer lá na fazenda dele.

ENTREVISTADOR: Entendi.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A Fazenda Picos e outros e outros. Esse povo.

ENTREVISTADOR: E na Fazenda Picos, acabou sendo apropriada por essa empresa de reflorestamento ou não?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não. Aí a Fazenda Picos foi onde assentamento.

ENTREVISTADOR: Teve assentamento?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É. Sofreu aquela mesma questão do Inbra. O Inbra veio na Chapada Gaúcha para fazer a fiscalização da Fazenda Boi. E veio aqui na Fazenda Picos e também (ininteligível) no dia que nós estávamos lá em Belo Horizonte, lá na reunião lá, falou, Fazenda Picos. Fazenda Boi não é? Fazenda Picos? Também não tem condição, não tem gente lá, não tem terra. Nós protestamos. Eu levantei e falei, olha, tem 68 famílias lá cadastradas. Já tinha cadastrado o pessoal e tenho, e a fazenda tem 9.000 hectares de terra. E lá mora 68 famílias. É. Aí o homem, o chefe lá surpreendeu não é? O pessoal do Inbra veio aí e não viu nada, não tinha gente, não tinha terra, não tinha nada. E nós desmascaramos ele lá, lá no Inbra. Ela acabou sendo desapropriada e acabou sendo como é que diz? Assentamento.

ENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Feito assentamento. É.

ENTREVISTADOR: E o senhor se lembra de casos de empresas de reflorestamento? Ou carvoeiros que o senhor gostaria de contar para nós? De alguma empresa? Ou situação de violência?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ah, essas firmas todas só via violência. Ameaças e de expulsão. De pessoas. Quando a gente acudia, já tinha acontecido. O pessoal já tinha abandonado a terra. Teve uns que foi feito o total da área. O sindicato foi fortalecendo, fortalecendo e foi intrometendo. Incomodou o coronel lá não é? Incomodou o coronel lá e já estava pedindo a gente para não intervir lá. Foi o tempo que também a ditadura estava murchando não é? A gente começou a botar as mangas de fora e incomodou o coronel, que ele era chefe da (ininteligível) aí não é? É isso tudo aí. tem muita coisa.

ENTREVISTADOR: Além do Grupo Epa que o senhor lembrou.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: O Grupo Epa?

ENTREVISTADOR: É.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: O Grupo Epa.

ENTREVISTADOR: Mas o senhor lembra de algum outro grupo dono que utilizava essas técnicas para tentar aumentar a área de reflorestamento? O senhor lembra de algum outro nome de empresa?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Me lembro.

ENTREVISTADOR: Ahn?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Tinha a Plantar.

ENTREVISTADOR: Plantar?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, Plantar. Tinha a outra firma que chamava, a cabeça minha está falhando.

ENTREVISTADOR: Não tem problema.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, muitas e muitas fazendas. A Fazenda Plantar, a Fazenda, essa aqui que está com a Fazenda Picos mesmo, é a fazenda, como é que chama Zé, aquela fazenda que fica perto de São Joaquim? Sabe não? E a sua é outra. É. Metalur.

ENTREVISTADOR: Metalur?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É. Metalur. Lá na frente tinha várias outras fazendas. Tinha, eu não lembro bem.

ENTREVISTADOR: Entendi. Não, está ótimo.

ENTREVISTADOR: E o senhor ajudou a fundar outros sindicatos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ajudei a fundar o sindicato de Itacarambi.

ENTREVISTADOR: Itacarambi?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: E Maria da Cruz.

ENTREVISTADOR: E o senhor encontrou alguma dificuldade? Havia algum monitoramento? Intervenção em reuniões de organização de sindicato? Por exemplo?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: O sindicato lá?

ENTREVISTADOR: É.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Antes de criar o sindicato já haviam os problemas que serviam para cá não é?

ENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Quando a gente fundou o sindicato lá, a gente acompanhou a diretoria. Acompanhou a diretoria e começou a cobrar também da FETAEMG acompanhar não é? Os problemas, o sindicato de Itacarambi mesmo, tinha problema demais.

ENTREVISTADOR: Teve algum caso de alguma reunião por exemplo, do sindicato, que ela teve que ser parada por chegou policial? Alguma ordem? Alguma assembleia que o pessoal não pode participar? Alguma coisa nesse sentido?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não.

ENTREVISTADOR: OU alguém que vigiava?

ENTREVISTADOR: Alguém que vigiava quando vocês estavam reunidos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Vigiar tinha não é? Vigitava mas, não podia intervir.

ENTREVISTADOR: E quem que eram essas pessoas que vigiavam geralmente? Eram policiais?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, era a Polícia.

ENTREVISTADOR: É?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Era o pessoal da Polícia. Pessoal.

ENTREVISTADOR: E de vez em quando chamava alguém na delegacia para perguntar alguma coisa?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É.

ENTREVISTADOR: Era assim?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Chamava a gente e no começo intimava, intimava. Mandava policial com intimação. Não, mandava uma intimação para comparecer na delegacia, tal hora, assim e assim.

ENTREVISTADOR: E geralmente que tipo de coisa que o delegado queria saber?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ah, ele já sabia. Teve uma vez mesmo que nós teve um problema aqui em Macaúbas. Aí e lá tinha um cara lá que estava invadindo terra do outro. Todos dois eram sócios. Mas um era muito atrevido e muito envolvido com esses políticos aqui de Januária, muito envolvido. Então a gente não deu razão a ele, que ele estava errado. Aí ele voltou. Quando na outra audiência, vem uma intimação do delegado. Para comparecer ali. Chegou ali ele já sabia de tudo. A modo dele não é? Quando foi chegando ele já foi debulhando logo. Não, que vocês estão fazendo as coisas erradas, estão mandando o povo para brigar e não sei o quê mais e tal e tal. E coisa e tal. Eu falei, ô doutor, espera aí. O senhor foi lá por acaso? Ah, não, fiquei sabendo. Pois eu não fiquei sabendo. Eu fui lá. Nós fomos lá. O senhor ficou sabendo. O senhor tem que ir lá e ver. É. Não, eu estou chamando vocês aqui é para isso. Não, o senhor está dizendo que nós estamos fazendo tudo errado. O que nós fizemos lá foi acudir uma pessoa que estava sendo, que é caso de polícia o que ele fez lá, é caso de polícia. Agora o senhor já está do lado dele sem saber de nada. Mas nós já estávamos engrossando a voz também não é?

ENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Imagina na delegacia, delegado deitava e rolava em cima da gente. a gente ficava calado. Não doutor, certo, tal doutor. Mas quando a gente começou a crescer, a gente falava. Teve época de ir na delegacia mais um companheiro. Chegava lá, o cara fazendeiro estava com advogado do lado de lá e falava. Começava a falar, não é? Falar, falar, falar. O companheiro respondeu para ele, fica quieto, fala nada não. É, nada não. Senhor Francisco lá, Moraes. Chegou lá, falou, falou, falou, falou. Aí eu falei, ô doutor, o senhor aí depois (ininteligível), está repetindo o que falou e eu ainda tenho, nós temos nossa vez ainda não tem? Tem, tem, tem sua vez. Pois é. E (ininteligível) conclui aí. Conclui o que o senhor estava falando aí. Aí ele falou, é, não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê. Não, o senhor já falou isso. Eu quero saber o que o senhor tem a falar mais. Que a outra parte tem que falar. Aí é falei, o delegado me mandou calar a boca, mas aí nós falamos. Ele intrometia. Falou, Ô doutor, o senhor viu que nós ficamos caladinho aqui. Imagina um homem desses dentro da delegacia, ele ter ação dessa maneira e lá fora com revólver na mão. Inclusive ele já tinha dado um tiro no filho do dito cujo. Tinha dado um tiro. Tanto é que ele deu um tiro e ficou por isso mesmo. E agora aqui dentro da delegacia ele quer falar sozinho? É, a gente tem que, não é? E assim era dessa forma. A audiência no juiz, audiência na delegacia. Uma vez o advogado do sindicato falou assim, você não foi

preso lá por milagre. Eu, não é? A audiência da Fazenda Casa de Telhas. Estava lá os advogados da firma. Estava lá e os caras, chefes lá e eu estava com dois advogados do sindicato. Na audiência. É. Aí trocando ideia lá, trocando ideia, daí o juiz falou, não está bom? Está bom, assim está bom. Está, o juiz estava doido para se ver livre não é? Aí eu falei, olha doutor, eu queria falar. Quem é? Você é presidente do sindicato, pode falar. Pode falar, pode falar. Eu disse, ó, isso aí não está bom não. Mas como que o senhor está torcendo? (ininteligível)? Sim, o senhor falou que está bom. Quem sabe se está bom é eu. É nós, ou então é a outra parte. Aí o advogado me pegou pelo braço, me puxou lá no corredor e falou, moço, você quer ser preso? Eu falei, não, mas se for preciso eu vou. Aí eu voltei. Aí o juiz falou, o senhor concluiu o que o senhor estava falando Senhor Antônio? Eu falei, olha, eu vou lá para o sindicato, lá tem mais de 30 pessoas. Lá esperando uma solução. Eu vou fazer uma assembleia rápida lá. E vou trazer a solução deles. Ah não, não precisa disso não, não precisa disso não. não, vamos acordar aqui. Então o advogado nosso era cagão, cagão. É, fala rapaz. E os caras deitando e rolando em cima dos trabalhadores e eles não dizia nada? E eu fui e tomei a palavra. Até que a gente aprendeu.

ENTREVISTADOR: Claro.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Participar de assembleia, de encontros, de congressos. E também a gente tinha uma noção até onde a gente podia ir.

ENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Chegava em certo ponto que você cedia não é?

ENTREVISTADOR: Claro.

ENTREVISTADOR: E tem mais alguma coisa que o senhor se lembra que gostaria de contar? Alguma coisa que a gente não perguntou, alguma situação? Pessoa?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: De quê?

ENTREVISTADOR: Alguma coisa que você gostaria de contar? Que a gente não perguntou? Alguma situação? Pessoa? Que sofreu alguma violência? Alguma perseguição? Até 88?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, essa perseguição veio até quando eu estava lá em 90 e tanto ainda tinha. Mas o auge das perseguições foi no tempo da ditadura não é? E a gente também foi tomando pulso, tomando pé da situação, a gente falava mais alto. Falava mais alto do que eles. A gente respondia por uma classe, a gente não podia ficar por baixo não.



ENTREVISTADOR: Mas nós agradecemos muito então o seu depoimento, Senhor Antônio. Colaborou muito com a gente e vai ajudar lá no nosso trabalho, muito obrigado.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Se você ficasse mais tempo, nós ia conversar até amanhã.

ENTREVISTADOR: Está certo. É porque não dá mesmo, a gente tem que continuar.